

tos de Vera foi cesariana, enquanto a média no distrito chega a quase 40% dos nascimentos.

Bianca é o único bebê inesperado do casal. “Foi coito interrompido que não funcionou”, explica Vera. Com a ajuda da médica, ela convenceu o marido a participar de um curso de planejamento familiar; no final, Joseval se dispôs a fazer vasectomia. “Ele demorou a aceitar, conversou com amigos, mas correu tudo bem. Levou 11 pontos, diz que doeu, mas é porque homem é mole para dor. Ele só não vai é poder carregar saco de cimento por uns tempos.” Além de violeiro, Joseval é pedreiro, tem a metade da escolaridade da mulher e mora em canteiro de obra de segunda a sexta, para economizar a condução. Nos fins de semana é festa no 411A. Mas só de dois anos para cá. “Deus foi tão bom com a família que um exame médico revelou a diabete do meu marido — a taxa de glicose dele estava em 400 — e ele teve de parar de beber. Parou de vez. É outro homem, outro marido, outro pai. Estamos juntos há 14 anos.”

A experiência do casal com os serviços públicos do estado mais rico da União pode ser comparada à opinião de Joseval e Vera sobre coito interrompido: “Confiamos sem confiar”. Vera estava grávida de quatro meses quando foi até o posto de saúde local e deu entrada no pedido de ultra-som. Está esperando até hoje, com Bianca já aninhada no colo. Na época, acabou fazendo o exame por conta própria (R\$ 30), o que permitiu a uma zelosa médica da rede pública de outro distrito detectar sua condição de gestante com pré-eclampsia.

**V**era dá nota alta ao programa Renda Mínima criado na gestão Marta Suplicy, para famílias com renda mensal inferior a dois salários mínimos. Inscreveu-se há cinco anos, quando já tinha nove filhos e o valor do benefício era de R\$ 190 mensais (hoje baixou para R\$ 140). O cadastramento anual é rigoroso, exige a apresentação de comprovantes de assiduidade escolar de todos os filhos. Vera só não entende por que o benefício também contempla a proprietária do Mercado Fortaleza, o principal das redondezas, embora ela tenha casa própria, carro, telefone e dois filhos já crescidos.

Em compensação, é só elogios para o fiscal do Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente que bateu na sua porta surrada um ano atrás. Ele atendia a uma denúncia de vizinho segundo a

qual Vera estaria agenciando dois filhos menores para ganhar dinheiro na rua. O fiscal talvez esperasse encontrar um lar em decomposição. Encontrou uma casa organizada em função de dois turnos escolares, com metade dos filhos banhados e uniformizados saindo de manhã e a outra metade, à tarde. Viu que Kauê, de 11 anos, fazia carreto na feira às sextas e aos domingos, enquanto Carlos, de 13, aprendia um ofício com o serralheiro do bairro, ganhando R\$ 25 por semana. “Ele viu que nós somos uma família que tenta, e ficou com pena de ter de pedir que o Carlos saísse da oficina. Explicou que, se nos deixasse tocar a vida e o Conselho recebesse de novo a mesma denúncia, ele é que teria de pagar R\$ 2 mil de multa. Fiz o que pedi. Homem bom, ele.”

Mais recentemente, o casal também cogitou recorrer ao Conselho Tutelar da Criança para prevenir que um dos filhos menores — o único atraído pelo chamado da rua — embicasse por um caminho sem volta. Vera e Joseval queriam se aconselhar, mas acabaram desistindo, com receio de que o Conselho chegasse ao 411A com mais preconceito do que solução. Boa parte do mobiliário da casa veio de doações, enquanto o supérfluo veio empurrado pelo crediário inescapável das Casas Bahia: uma TV de 20 polegadas (18 prestações de R\$ 64), um vídeo (18 de R\$ 68), um MP3 (4 de R\$ 55), além de um celular pré-pago e uma bicicleta. Vera já tentou vender o celular numa semana de aperto, mas lhe ofereceram só R\$ 10.

Qual a maior necessidade de Vera hoje? “Um beliche e um ensino de verdade nas escolas. A rede pública dá coisas que fazem bonito em eleição (uniforme, lápis, borracha, meia), mas não dá qualidade de ensino, não dá professor qualificado. Vou a todas as reuniões de pais, atendo a todas as convocações, mas para quê? Tem professor que fica de papo durante os 45 minutos da aula, e esse tempo não se recupera. É de chorar.”

Justamente no dia da entrevista com a revista *piuí*, ocorria em São Paulo a terceira onda de ataques do PCC. As escolas de Cidade Tiradentes fecharam às pressas e a criançada de Vera tentava se ocupar na casa de cômodo único dividida por paredes de lençóis. Por trás de uma das divisórias de pano, uma voz infantil pergunta baixinho:

— Mas quem é essa dona que faz tanta pergunta?

— Deve ser candidata a alguma coisa. Vai ter eleição — responde outra voz mirim. ★